

A INFLUÊNCIA DA ARTE NO IMAGINÁRIO SIMBÓLICO E A POTENCIALIDADE HUMANA DE COMPREENDER EMOÇÕES ATRAVÉS DA LINGUAGEM

THE INFLUENCE OF ART ON THE SYMBOLIC IMAGINARY AND THE HUMAN POTENTIAL TO UNDERSTAND EMOTIONS THROUGH LANGUAGE

Natane de Castro Oliveira¹

Resumo: A pesquisa consiste em uma análise profunda da influência da arte, principalmente visual, na vida humana. Embasada em estudos psicanalíticos, sociais e semióticos procura compreender a maneira em que uma imagem se fixa na mente e suas possíveis consequências, tanto no viés individual quanto no social. Investigando o significado e origem da arte por pontos de vistas e áreas de estudo diferentes, seja ela como signo e linguagem, objeto libidinal ou manifestação inconsciente de criatividade. Não há uma resposta fixa do que é ou deixa de ser a arte, mas dentro de pontos de vistas diferentes podemos compreender ao menos a dimensão de sua atuação. Ao analisar a arte como uma manifestação de linguagem, percebe-se que não está num campo fora do indivíduo ao mesmo tempo que não se restringe a ele. Portanto, busca-se entender onde se localiza e como estabelece a relação entre a arte e suas expressões. Entendendo até qual ponto

¹ Bacharel em Artes e Design pela Universidade Federal de Juiz de Fora

existe uma diferença entre o indivíduo e a projeção artística, e como se dá o percurso de retorno da manifestação artística ao seu estado mental presente.

Palavras-chave: Arte; Semiótica. Linguagem. Psique. Imaginário simbólico.

Abstract: The research consists of a deep analysis of the influence of art, mainly visual, on human life. Based on psychoanalytic, social and semiotic studies, it seeks to understand the way in which an image is fixed in the mind and its possible consequences, both in the individual and social bias. Investigating the meaning and origin of art from different points of view and areas of study, whether as a sign and language, a libidinal object or an unconscious manifestation of creativity. There is no fixed answer

of what art is or is not, but from different points of view we can at least understand the dimension of its performance. When analyzing art as a manifestation of language, it is perceived that it is not in a field outside the individual, at the same time that it is not restricted to him. Therefore, we seek to understand where it is located and how it establishes the relationship between art and its expressions. Understanding to what extent there is a difference between the individual and the artistic projection, and how the artistic manifestation returns to its present state of mind.

Keywords: Art; Semiotics. Language. Psyche. Symbolic imagery.

Introdução:

A arte não está no mun-

do palpável, ela surge através da comunicação entre a realidade e seus diversos signos com a mente humana. A seguinte pesquisa consiste em uma análise profunda da influência da arte, principalmente visual, na existência individual e, por consequência, coletiva. Embasada em estudos psicanalíticos, sociais e semióticos esta procura compreender a maneira em que uma imagem se fixa na mente e seus possíveis efeitos.

Para realmente analisar o que é a arte e sua função no espaço-tempo em que se manifesta é necessária uma visão macro de sua atuação. Não há como definir seu significado, muito menos sua relevância, dentro de um filtro único. Sendo a arte uma manifestação puramente humana, a busca se origina no cerne do funcionamento mental.

Através do entendi-

mento do que é o indivíduo se relacionando com a realidade presente, aprofunda-se nas questões mais intrínsecas de sua existência, como as necessidades e desejos. A formação humana é um processo que envolve várias camadas conscientes e inconscientes na ligação com o mundo que o cerca, tendo efeitos diretos na compreensão e comunicação com o meio.

A relação da mente com o social é dada por meio da linguagem, assim tornase possível a manifestação das necessidades fisiológicas e abstratas. A estrutura da realidade é uma rede de significantes que interagem com a psique dos indivíduos presentes naquele meio, sendo uma via de mão dupla entre a emissão e captação de signos.

Ainda no campo individual, há um recorte sobre a influência da imagem nas mani-

festações inconscientes como a criatividade e os sonhos. O ser humano aprende muito através de suas vivências imagéticas e seus rearranjos, que se fixam na memória e expressam em momentos de baixa atuação do estado de vigília. Nestas situações, há uma organização diferente do repertório iconográfico adquirido e por consequência uma nova visualização daquilo que já foi vivenciado.

A gigantesca potencialidade de permear entre as profundezas do inconsciente individual e simultaneamente estar localizada no mundo externo, faz com que a arte tenha seu papel de criadora de linguagem e significados na cultura. Logo, pode-se analisar de que forma sua propagação está ligada ao cotidiano e vivências, assim como suas diversas facetas se fazem presentes. Dessa maneira, a pesquisa pretende

investigar o significado e origem da arte por pontos de vistas e áreas de estudo diferentes, seja ela como signo e linguagem, objeto libidinal ou manifestação inconsciente de criatividade.

Não há uma resposta fixa do que é ou deixa de ser a arte, mas dentro de uma visão expandida pode-se compreender ao menos a dimensão de sua atuação. Ao analisar a arte como uma manifestação de linguagem, percebe-se que não está num campo fora do indivíduo ao mesmo tempo que não se restringe a ele. Portanto, busca-se entender onde se localiza e como estabelece a relação entre a arte e suas expressões. Entendendo até qual ponto existe uma diferença entre o indivíduo e a projeção artística, e como se dá o percurso do retorno da manifestação artística ao estado mental presente.

Recorte sobre o funcionamento da psique:

Um dos maiores mistérios de compreensão é a relação do indivíduo consigo mesmo e com os outros. Segundo Freud, em 1914 em sua obra sobre o narcisismo, existem duas fases de um processo de investimento da energia libidinal: a primária, cujo toda a satisfação do prazer do indivíduo está em seu próprio corpo e supre todas suas pulsões parciais nas zonas erógenas – fase denominada anobjetal. Ressaltando que essa fase libidinal do ego só se mantém com o amor dos pais e é potencializado pelo depósito de expectativas, fantasias e onipotência na criança, o estado de perfeição e completude é interrompido quando a criança percebe que não é o detentora de toda atenção dos pais, criando o primeiro conflito de compreen-

são de sua personalidade, pois até então não era possível distinguir as figuras paternas dela mesma. Nesse momento, iniciasse a fase secundária do depósito de sua energia libidinal. O indivíduo tem como objetivo fazer-se amar pelo outro, agradá-lo até que reconquiste seu amor, traduzido como um prazer de sua completude. A libido objetal tem como base um ideal do que era o “eu”, em que muitas vezes não são correspondidas causando grandes consequências na compreensão de autoimagem. O investimento no objeto torna-se um propósito de subsistência da espécie e busca pelo prazer.

Dessa maneira, percebemos que a personalidade do indivíduo e sua auto compreensão não é algo pré constituído, mas formado de acordo com suas relações. O campo de delimitação desses relacionamentos em que

se forma o ego é dado pela argumentação lacaniana do estágio do espelho, em que indica uma experiência de reconhecimento da diferenciação do próprio corpo e a imagem refletida a sua frente, que até então era entendida como outro ser. A imagem do espelho é um movimento duplo, ao mesmo tempo que é ilusória e enganadora da realidade também é uma possibilidade das primeiras identificações do eu. Neste momento o indivíduo se vê projetado em uma imagem externa, ainda que virtual. Logo, existe um ideal do que é seu “eu”, quando vai em direção ao simbólico. Um ideal imaginário na relação com o próprio corpo.

De modo geral, tanto os traços do narcisismo primário ou secundário irão constituir a personalidade do indivíduo e acompanhá-lo durante sua vida. O ponto que deve ser ressaltado

neste artigo é a análise desta possibilidade em poder se projetar no mundo externo. Colocar suas características em um objeto ou imagem a fim de que possam definir ou completar a própria identidade. Esse deslocamento do indivíduo está diretamente relacionado com sua percepção de realidade.

Processo de ligação ao objeto:

O processo de mudança de fluidez da catexia, que antes era investida no próprio indivíduo e agora passa a se depositar nos objetos, inicia-se através do processo primário. A base da natureza psíquica, como mencionado, é a busca pelo prazer e a satisfação do desejo. Como nessa fase de desvinculação com as figuras paternas causa um conflito interno de compreensão do próprio ser, ele começa a vincular o pra-

zer que uma vez já sentira agora nos objetos externos quando os associam aos traços mnêmicos que outrora se correspondeu a satisfação do desejo. A aprendizagem da realidade pelo sujeito é preparada e sustentada pela fantasia e alucinação. Logo, possui a dualidade entre o real – e suas limitações, e o virtual – relação do inconsciente com o objeto.

Assim se fortifica o ego de criança, anteriormente sustentado pelas vontades do seu id, agora começa a compreender não apenas só o princípio do prazer, mas também a compreensão da realidade. Essa, por sua vez, é conquistada pelo sujeito à medida que delimita sua fantasia, quando os elementos irrealis são vivenciados no campo da experiência. Estritamente necessário para a sobrevivência, pois não há como ser guiado apenas pela busca do prazer, principalmen-

te dentro de um convívio social. Torna-se imprescindível entender minimamente a realidade que o cerca para se moldar como humano. A realidade é um diálogo entre o mundo externo e percepção dele, através do contato entre o meio, o social e o indivíduo.

Estar em contato com o mundo palpável é uma relação entre os sentidos humanos e a percepção mental de seus estímulos. A medida em que se relaciona com aquilo presente no tangível simultaneamente desperta o sistema límbico – conhecido como cérebro emocional é um conjunto de estruturas localizadas abaixo do córtex e responsável por todas as respostas emocionais, comportamentos e a memórias. Há uma ligação direta entre as sensações presentes nos órgãos ricos em peptídeos neurotransmissores, que ligam os órgãos sensoriais com o cérebro,

e as emoções. Portanto, todas as percepções das sensações e os pensamentos são repletas delas. Existe uma rede psicossomática de processamento emocional. A psique, permite ao ser humano se relacionar e se adaptar ao meio de acordo com o processamento dessas pulsações emocionais.

Percebe-se então que a medida que o indivíduo entra em contato com a realidade que o cerca há uma comunicação de sua estrutura inconsciente e aquilo que atinge seus sentidos. A experimentação de novas visões, odores, sons, texturas e paladares vai moldando a compreensão de mundo e a auto definição de personalidade daquele ser. Vale ressaltar que a disponibilidade dessas experiências é oferecida por fatores naturais ou culturais, ou seja, o meio entra em contato com o indivíduo e cabe a ele interpretá-lo para que consiga so-

breviver ali.

Ainda que esse diálogo atinja camadas profundas do inconsciente, modelando suas estruturas e sempre refletindo nas maneiras de se posicionar nas relações, a face da psique que realmente entra em contato direto com o meio é a camada superficial de consciência, regida pelo ego. Estar consciente é um termo usado quando a percepção é presente e clara. Uma ideia, após ser consciente, fica dessa maneira por pouco tempo. Ela transita para o inconsciente e quando certas ocasiões acontecem, pode ocorrer dessa mesma ideia ser consciente novamente (ela esteve latente).

Somente algo que já foi uma percepção consciente pode retornar a este estado. Qualquer coisa proveniente de dentro, como os sentimentos que tentam ser conscientes novamente,

transforma-se em percepções externas: isto se torna possível mediante os traços da memória no sistema percepção – consciência. Estes resíduos mnêmicos são provenientes principalmente de percepções auditivas e visuais.

Segundo Lacan, a estrutura do inconsciente é uma linguagem, com efeito de trocas sociais simbólicas. A indicação mnêmica que corresponderá a alucinação da manifestação da necessidade é um signo – ou, como descreveria o psicanalista, “Zeichen”. Contudo, ele não é autossuficiente para despertar ou satisfazer essa carência. Deve estar relacionado com outros significantes através de uma relação simbólica e mais adiante trataremos das definições semióticas.

Analisando a relação entre a estrutura mental e a semiótica:

Para que se possibilite a relação entre a psique e o mundo externo é necessária uma maneira de comunicação. Dessa forma, consegue-se traduzir as pulsações e necessidades de um organismo em processo de independência, além da interpretação deste externo que compreende-se diferente do sujeito.

Através do signo, um veículo fundamental de condução do que está no mundo exterior à nossa mente, entende-se o mundo de forma expressiva e palpável, com possibilidade de diálogo entre o interno e a realidade. Segundo a sua definição são objetos, gestos, ações, sons ou imagens em função de outras coisas que representam ou caracterizam. Algo que está por algo. Fundamental à comunicação, pois é a partir dos signos que induzirá o interlocutor a elaborar outra mensagem, possibilitando

assim a linguagem que forma a compressão e ação do ser em seu meio.

Dessa forma, entende-se que o ser humano está mergulhado na linguagem. Mesmo que se pense nela ou sobre ela, refletimos através dela. A semiótica define que a comunicação é a produção e troca de sentido, associando as ideias aos signos para que haja um entendimento. O signo é a realidade material que apresenta uma outra realidade distinta de si ao interlocutor, como uma substituição da coisa significada. Podem levar a imagem das coisas já gravadas no intelecto ou conduzem aos novos conhecimentos. Quando algo é significado torna-se distinto no intelecto passando a significar por si próprio.

Assim, entende-se que a essência de um signo é ser para outra coisa, sendo ele uma per-

cepção de um objeto que pode estar presente ou não para ser compreendido. Um veículo único e fundamental de condução do que está no meio externo à mente, a fim de interpretar o mundo de forma expressiva, palpável e mais importante, comunicável.

Segundo o pensamento do filósofo francês Étienne Condillac, assim que o ser humano começa a associar as ideias aos signos de sua realidade forma-se então a memória. Adquirida, começa a formar as redes da imaginação e dar a elas novas ocupações. Logo, pode-se afirmar que os signos despertam ideias que estão ligadas, não apenas para comunicação como também para o ato de pensar. Com isso, há uma ligação entre as sensações e os símbolos.

Entendendo sobre como acontece o processo em que algo até então desconhecido e passa

a funcionar como um símbolo, tem-se um fenômeno chamado semiótica que está relacionado à linguagem. A função da língua não apenas cria um veículo fônico material para a expressão das ideias, que até então estavam nebulosas no pensamento, como também serve de intermediário entre o pensamento e o som. Presume-se que o pensamento deve se organizar e ordenar na medida em que se exprime linguisticamente. A ideia se fixa no som e o som se torna signo de uma ideia.

Aprofundando na questão entre a relação do signo e significado recorre-se ao pensamento do linguista Saussure que considera o signo linguístico como uma entidade psíquica de duas fases, no qual existe um conceito sob uma imagem acústica. Respectivamente representado por significado e significante, toda relação entre essas associa-

ções é arbitrária pela convenção social e faz o signo se distinguir do símbolo, que por sua vez já não possibilita essa associação facultativa. O significante, de natureza auditiva, desenvolve-se através de um tempo linear. Logo, compreende-se o signo como uma relação entre o som, seu significado imaterial e o objeto presente na realidade exterior. Formado através de um pensamento, referência e símbolo que juntos causam um efeito em seu interpretante.

Contudo, há uma necessidade de trazer a visão semiótica para a análise dessa questão. Evidenciando a linha de pensamento de Peirce, denota-se que o signo não está em uma esfera exclusivamente empírica e sócio psicológica, mas em uma dimensão lógico semiótica. Para compreender as relações de tipo referencial entre o significado e seu sentido,

iconicidade ou até valores simbólicos, torna-se necessário evidenciar os marcos lógicos, culturais e ideológicos em que se dão os processos semióticos. A situação de uso, as circunstâncias em que se produz determinada expressão, e por consequência a comunicação deve ser trabalhada com uma visão macro, em que pode-se levar em consideração a interpretação do signo em seu tempo, espaço e cultura.

Visualiza-se que o modo em que utiliza um signo é relativo ao seu processo de expressão. Existe uma série de condições em que estes termos são utilizados, estudados através dos métodos das relações pragmáticas. A fim de compreender o que significa um signo, qual pensamento pode-se associar e principalmente a qual objetivo se refere. A ação e interação com os signos está ligada à intenção, crença e desejos

subjetivos naquela representação que exprime algo mas não denota.

Analisando as manifestações inconscientes e sua relação com os signos:

Fonte de inúmeras teorias e interpretações, um dos objetos de estudo que tenta aproximar da pureza do inconsciente humano é a análise dos sonhos. Neste período onírico manifestado na fase REM do sono acontece um fenômeno de sucessões de imagens e representações provocadas pelos impulsos internos. Muito do que outrora foi armazenado na memória se rearranja em contextos abstratos a fim de revelar os sentimentos e anseios subjetivos que não encontram liberdade na vida de vigília.

O sonho proporciona um vislumbre ocasional de profunde-

zas que trazem as mais diversas naturezas ocultas e improváveis de se manifestarem no estado de consciência. Há um grande armazenamento de energia psíquica captado durante o dia, mediante a inibição das estruturas mentais capazes de reprimir alguns desejos do inconscientes como o ego e o superego. Essa força motriz de desejo é sustentada por toda a cadeia de atos mentais inteligíveis em estado consciente.

Não há como julgar a moralidade de um sonho. Isto é objeto de análise do estado de vigília. Na pureza da manifestação inconsciente encontra-se as falas e pensamentos mais verdadeiros, sem os filtros da consciência moral que é inserido com o convívio social. Vale ressaltar, que não é a verdadeira essência do ser, mas uma outra faceta do que realmente é processado em pensamentos e emoções enquanto lida com o

externo.

Enquanto o estado de vigília inibe alguns impulsos, como uma resposta consciente para impedir a maturação de pensamentos e transformá-los em atos, a mente que trabalha em período integral ainda com algum rebaixamento da atividade psíquica retoma alguns impulsos que tocam de passagem os pensamentos. As impressões sensoriais que afetam os sentidos com mais intensidade ou até mesmo as que passam despercebidas manifestam nessa atuação livre de censuras.

Como já mencionado, a fonte de todo material psíquico e compreensão do ser na realidade é a internalização e relação com os signos. Não diferente dos períodos oníricos, em que a imaginação provém das lembranças da vida em vigília no quesito material. Cada signo remetente ao seu

significado simboliza uma relação entre as emoções do indivíduo e aquilo que estava diante de si, nos sonhos há inúmeras possibilidades dessas associações e o que elas podem exprimir.

Sabendo que a imaginação é suscetível às nuances dos sentimentos, que se incorporam na vida interior através das imagens e sons externos, é através da linguagem pictórica e difusa que os sonhos retratam atributos aos objetos que representam. Expõe não em totalidade, mas de forma rústica que exprime um simbolismo plástico. Cada indivíduo tem uma relação diferente na compreensão dos signos, em que eles se associam às suas próprias vivências e emoções. Compreender um sonho é um trabalho de decodificação, no qual todas as imagens e sons são criptografados de acordo com o psicológico do ser.

Não há como analisar o

sonho em totalidade, até porque sua narração transpassa a noção de tempo linear e sentido real dos fatos. O método mais eficaz para compreender as mensagens do inconsciente é desarticular em fragmentos até chegar na origem e intuito do sonho. Os detalhes mais abstratos e sem nexos conscientes trazem o entendimento, os signos ali não têm necessariamente o significado convencional. Estar aberto a compreensão dos sonhos é permitir o surrealismo do pensamento.

Processo da criatividade em relação aos signos:

A representação de um signo não consegue ser despida por completo, ou seja, seu processo é de uma regressão infinita. Não há como entender a origem concreta de uma significação pois a cada ponto de identifica-

ção outros novos estarão conectados à teia de simbologias. Não existe o signo de forma pura até mesmo em definição, aquilo que é para algo sempre estará relacionado às novas possibilidades. Logo, essa teia de pontos infinitos pode ter inúmeros arranjos e combinações, sendo essa a base da criatividade.

Tendo essa ação sígnica como uma caracterização da linguagem que transpassa ao pensamento, Peirce define que onde quer que exista pensamento é por meio da mediação dos signos. Logo, o grande paradoxo da infinidade da potencialidade da imaginação humana é limitação de signos que outrora obteve. O ato de pensar ou criar é sustentado pela tradução de pensamentos, pois qualquer pensamento requer um antecedente em que interpreta e rearranja.

Assim como a lingua-

gem requer posições de emissor e receptor para que a comunicação exista, sendo o pensamento também uma linguagem, tem-se no ato de pensar uma divisão do indivíduo entre observador-leitor de suas ideias e atuante ao organizá-las antes de emitir. Ressaltando que mesmo com sua existência em um campo abstrato mental, os pensamentos devem ser extrojados para ser conhecidos e comunicáveis no mundo externo de si, processo realizado através da linguagem. Tal mediação é imprescindível como uma comunicação entre o real e a consciência, com ela há uma via de mão dupla entre o palpável e imaginável pelo indivíduo, que se localiza em uma espécie de “terceiro mundo” em que manifesta e recebe a linguagem onde está imerso.

Nesta troca entre o mundo externo e interno do ser, acon-

tece um fenômeno além do trânsito da comunicação e percepção da realidade. A possibilidade de imaginar sobre a existência concreta possibilitou o ser humano a modificar sua própria existência. O que acontece no campo das ideias serve de base para moldar o tangível através da criatividade, que tem como sustentação a organização de aprendizados e referências, proporcionados pelo meio e vivências sociais.

Dessa forma, analisa-se que o campo imaginário é crucial tanto na relações interpessoais quanto do indivíduo consigo mesmo. O imaginário pode ser concebido como a fonte de toda atividade produtiva sendo ele realizado pelo processo da criação, uma subjetividade restrita do sujeito produtor. O método que antecede os atos criação, ou seja, daquilo que vai efetivar no plano real é a disposição de fazer surgir

o que não estava dado e a capacidade construir novas formas ao conjunto de dados armazenados no inconsciente.

Segundo o Professor Angel Pino, as imagens são a matéria prima da atividade imaginária. O funcionamento deste campo em tensão com reprodução da realidade permite a criação do novo. Sendo assim, tem-se a função da imaginação como um intermédio entre o real e o simbólico, uma atividade psíquica complexa que envolve a formação e educação humana. Dessa forma, as imagens bases das atividades imaginárias são uma espécie de reprodução da realidade com toda sua carga de natureza simbólica presente em cada signo.

Com efeito, toda criação imaginária parte de elementos tomados da realidade e resulta em uma modificação e reelabo-

ração deles. O processo imaginativo também é moldado pela experiência com o Outro, aquele ou aquilo que o indivíduo entende como externo a si mesmo. A influência naquele que é distinto é a possibilidade de coletar mais material ao banco de imagens da imaginação, diretamente ligado ao despertar de emoções e sentimentos. A seleção dos elementos pictóricos está relacionada ao despertar de sentimentos reais, pois o estado emocional presente na relação com outras pessoas ou espaços liga aos signos que o indivíduo absorve deste contato.

Como uma verdadeira imitação do mundo sensorial e fazendo a imagem como cópia, a imaginação assim como outros sistemas psicológicos é sustentada pela linguagem que transforma a natureza das imagens simbólicas e detentoras de significação. É através do cará-

ter semiótico dos signos que há possibilidade de criação de outras imagens. O ato de criar está envolvido em uma esquemática e reorganização de emoções, signos, pensamentos, linguagem de expressão e o banco de imagens utilizado. Logo, a dinâmica necessita estar em movimento contínuo para a manutenção da espécie, pois neste campo de atuação dos signos como meio de comunicação e criação há o meio de conexão com as funções psíquicas e conseqüentemente as relações sociais.

Durante o processo de desenvolvimento cultural, o que muda não são as funções psíquicas em si, mas a relação entre elas. Ou seja, novas possibilidades de funcionamento psíquico, inexistentes anteriormente. Analisando esta pauta na origem do desenvolvimento psicológico infantil fica clara a importância

do ato de imaginar, quando uma criança entra em estado imaginativo amadurece nela a fixação da linguagem, pois começa a agir no campo da significação. A narração imaginária sempre é muito semelhante às situações reais da realidade que ela está inserida, mas é no contato com a linguagem e criação que nasce o pensamento abstrato. A imaginação desenvolve adaptando as condições racionais e vinculando ao pensamento conceitual.

Na infância a atividade imaginária estabelece bases fundamentais ao pensamento racional, mas é apenas na adolescência que a ligação entre a imaginação e razão estabelece laços mais fortes. Crianças pequenas têm atividades psíquicas intensas na captação da realidade, dessa forma tudo que é novo alimenta a imaginação, memória e pensamentos daquele novo ser. Uma mentali-

dade sustentada por imagens eidéticas, ou seja, aquelas captadas do ambiente e capazes de serem evocadas das coisas já vistas com um caráter de essência abstrata, oposição ao real. Durante a transição do pensamento concreto ao abstrato e conceitual, essas imagens são transferidas para a imaginação, mudando sua função psíquica básica.

Assim se denota a fantasia, uma transição entre a fase imitativa para outra criativa. A essência do ser que está inserido em uma cultura. O modo de agir suscetível dessa abstração se distingue entre os diferentes tempos e contextos que cada indivíduo está inserido. Dessa maneira, não cabe quantificar o desenvolvimento da imaginação de cada um, mas como cada função interagiu com sua vida psíquica.

Os traços sociais e de classe formam o ser humano a

partir daquilo que foi interiorizado e como isto se relacionou com a sociedade a sua volta. O imaginário é o que define a condição humana do indivíduo, sendo o termo “humano” como algo construído e não pré-estabelecido. Ter a liberdade de pensamento para imaginar está diretamente relacionado ao contexto social e suas limitações.

Dentro da sociedade presente, viver e até mesmo monetizar a criação é um privilégio social, tendo como consequência a desigualdade entre as pessoas “aptas” a criar e aquelas que são consumidoras da criação em seu modo de vida.

Relação entre a arte e a psicologia:

Exposto o papel dos pensamentos, sonhos, imaginação, memória e linguagem no

funcionamento psíquico e como se dão essas relações na manifestação historicocultural, pode-se introduzir o diálogo entre a arte e a vida humana.

Em um livro a respeito da psicologia da arte, o pensador russo Lev Vigotski disserta o modo como a arte está permanentemente em relação à realidade objetiva, ou seja, ligada à vida e relações sociais de uma época. O material de conteúdo e até estilo artístico, assim como toda a construção da psique, são coletados na vida de vigília e suas manifestações. Vale ressaltar que uma obra de arte não é uma cópia da realidade, por mais realista que sua estética seja, ela atua como uma transformação do que foi adquirido em sociedade.

A arte na realidade é um contágio direto com as potencialidades humanas. Uma verdadeira síntese entre a biologia

das emoções e sua manifestação na cultura, através da expressão das pulsações em organizações e definições de sentimentos. A mediação entre o indivíduo e o gênero humano, pois quem a produz ou consome, também tem suas funções psicológicas alteradas.

Como já exposto, a possibilidade de organizar pensamentos e emoções são exclusivamente através da linguagem, a forma humana de se manifestar na cultura. A psicanálise indica que o desejo do ser é desenvolver e se completar no decorrer de sua existência, algo que possa indicar e afirmar que é mais do que um indivíduo. Dessa forma, pode-se afirmar que ao exprimir suas pulsações no meio externo há um processo de visualização e compreensão no objeto artístico, que nada mais é do que um rearranjo de signos, linguagem e ideias

presentes no social. Através do mecanismo artístico o indivíduo eleva sua condição de organismo simplista ao gênero humano universal.

Muito se discute sobre o papel desempenhado pelo consumo e prática de arte na sociedade, sua origem e possibilidades de manifestações. Muito além de só um contágio superficial ou alteração de humor, a potencialidade da alteração psíquica através da arte chega até as situações de regressão dos momentos e emoções já manifestadas no indivíduo que retornam na experiência da expressão. A possibilidade de se visualizar no mundo palpável, por meio da união entre o sujeito e todo, reflete a infinita capacidade humana de associação, circulação de experiências e ideias.

A medida em que uma sociedade vai se complexando em suas relações e desenvolvendo

do novas forças produtivas, reflete diretamente na condição artística presente. Logo, a origem da arte vai se afastando do caráter mágico ou divino para assumir funções humanas, como a compreensão da própria existência ou até mesmo um registro do modo criativo de experiências de uma época.

Mesmo que o fazer artístico se manifeste em indivíduos isolados, não significa que suas raízes sejam individuais. O social está presente em todos, mesmo com suas emoções mais particulares pois a refundição das emoções é através de um sentimento social que foi objetivado e materializado no objeto artístico. Por exemplo: há uma concepção social de como manifestar o sentimento que entende-se como amor. Na realidade, são intensas alterações psíquicas e químicas quando se encontra o objeto de

desejo no Outro. Contudo, estar inserido dentro uma sociedade, fruto da condição de espaço-tempo, faz-se necessário a organização dessas emoções em sentimentos a fim de compreender e agir de acordo com o meio.

Logo, entende-se que há um processo de disposição da consciência a partir de leis extraídas de dadas situações e experiências. A cognição psíquica se relaciona com os sentimentos e é desenvolvida por meio das relações sociais que introduzem no sujeito a linguagem, possibilitando a apropriação dos objetos culturais, sendo a arte parte disso.

Outro fato que deve ser salientado é que sendo obra de arte uma síntese de elementos específicos, para sua captação é necessária tanto as atividades emocionais quanto de pensamento. A estrutura da linguagem artística é mais complexa do que a lingua-

gem apenas comunicativa. Atua como uma síntese entre a forma e conteúdo para compreender uma terceira realidade, assim como a terceridade dos signos. O rearranjo entre da teia de significações da linguagem e como a aplicação da técnica trouxe essa discussão é o que possibilita uma expressão artística comunicar com o inconsciente do ser.

A percepção de uma obra de arte exige uma humanização dos sentido ao mesmo tempo que atua em seu impacto. Sua estrutura criativa baseia-se em transformar um objeto ordinário em uma síntese de forma e conteúdo, a fim de suscitar um processo psicológico chamado catarse: transformação de emoções em sentimentos. Um verdadeiro curto-circuito emocional que leva a superação ou descoberta daquilo que estava intrínseco no ser e foi revelado na obra.

Sendo assim, compreende-se que a função da arte não é apenas desencadear uma ação ou comportamento, mas também transformar as emoções e estrutura-las também no funcionamento psicológico. Esta orientação de pensamento e ações futuras podem até não se concretizarem, mas leva a aspirar acima da mera existência individual e incompleta.

Conclusão:

Assim como exposto nesta pesquisa, a arte pode ser analisada por diversos pontos de vistas, contanto, mesmo que se disperse em um espectro de interpretações é notório um ponto de convergência de sua real função: ser uma manifestação humana.

Buscou-se compreender ao decorrer deste artigo a

necessidade do contato artístico para os seres que produzem ou consomem a arte. Dada a informação sobre a incompletude humana que procura na realidade uma forma de preencher o vazio interiorizado em uma fase muito inicial da existência, pode-se encontrar na arte uma forma de conforto para este espaço em branco. Nas formas, cores, linhas, entre outros signos, está criptografado uma ideia ou sentimento que só o espectador pode relacionar. O lado pessoal e inconsciente de uma manifestação que faz efeito naquele indivíduo que se deixa ser transpassado pelo conceito e o relaciona com seu sentimento particular pode traduzir suas emoções em linguagem.

Portanto, fica mais palpável a compreensão. Se a psique humana é estruturada através da linguagem, só através dela pode-se aproximar do que há de

mais intrínseco em cada ser. A arte também tem o viés sógnico e se manifesta por essas mesmas estruturas, logo, a imagem –ou outras manifestações – deixa palpável o que acontece nas profundezas inconscientes.

Todo contato com o mundo externo envolve a interpretação e resposta sobre ele. Cada indivíduo se manifesta em sua realidade de acordo com aquilo que introduziu como verdade e a maneira em que lida com essa afirmação. A captação dos elementos que interferem o pensamento, como mencionado, é através da relação entre os sentidos e tudo aquilo que os estimula. Fazendo um recorte sobre a base imagética das artes visuais, nota-se este grande potencial em despertar emoções específicas de acordo com a estrutura retratada. O conceito trabalhado pelo artista, através das técnicas imagéti-

cas utilizadas, deve comunicar com o idioma emocional de cada mente.

Uma arte bem estruturada deve provocar catexia, fazer com que seu público tenha a possibilidade de reviver sob outra perspectiva um sentimento outrora interiorizado. Muda-se a linguagem, mas não o sentido daquilo que conhece. Estabelecer através da memória afetiva uma comunicação com o objeto artístico, provocando um deslocamento do indivíduo para dentro de si, através de uma projeção externa. Com a grandeza humana da imaginação, pode-se introduzir ou trabalhar pensamentos através das metáforas que a linguagem da arte proporciona. Portanto, cabe a produção artística a finalidade de se manifestar permeando nas profundezas humanas, comunicando através da abstração.

Do mesmo modo em

que um signo existe no mundo palpável, a arte consegue comunicar quando atinge seu lugar na terceiridade. Não existe a parte da realidade, ainda que atue estritamente sob ela. Quando permeia a mente humana deixa de ser apenas uma manifestação física para habitar uma existência a parte daquela que está inserida. Ainda assim, não é apenas o estado de emoção do ser que a interpreta, existe no concreto a fim de se relacionar com mais indivíduos interpretantes. Dessa forma, percebe-se que o fenômeno artístico é um acontecimento, que precisa da atuação de um humano criador e participante do que a arte pretende exprimir.

Ademais, quando um ser se projeta em um objeto externo e consegue compreender melhor aquilo que está dentro de si, há uma conexão verdadeira com suas questões humanas e

como elas moldam sua existência. Sentir-se retratado no exterior ao ponto de compreender o pessoal torna a experiência artística como aquela que dissecou a essência verdadeira, compartilhando as emoções pessoais dentro do coletivo.

Segundo a visão antropológica, define-se cultura como a rede de significados que dão sentido ao mundo que cerca um indivíduo, ou seja, a sociedade. A arte faz parte desta rede que sustenta a interpretação do que é verdadeiro à existência, porém sua atuação envolve a potencialidade humana de imaginar e se deslocar no espaço abstrato. Sendo o artista um construtor de memórias afetivas, que possibilita forma e vida à arte, a qual exerce sua função ao situar o indivíduo em seu próprio espaço.

Referências bibliográficas:

ARAUJO, Maria das Graças. Considerações sobre o narcisismo. Estudos. Psicanalíticos. Belo Horizonte , n. 34, p. 79-82, dez. 2010 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010034372010000200011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 27 abr. 2020.

BARROCO, S. M. S. & SUPERTI, T. Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano. Psicologia & Sociedade, 26(1),22-31

CRUZ*, Maria Nazaré da. Imaginário, imaginação e relações sociais: reflexões sobre a imaginação como sistema psicológico. Cad. CEDES, Campinas , v. 35, n. spe, p. 361-374, dez. 2015 . Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132622015000400361&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 jun. 2020. <https://doi.org/10.1590/CC0101-32622015V35ESPECIAL154116>.

FIDALGO, Antônio. GRADIM, Anabela. Manual de Semiótica. 2004/2005. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-antonio-manual-semiotica-2005.pdf>

FREUD, Sigmund. (1900). A Interpretação de Sonhos. Capítulos: I, II. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

FREUD, Sigmund. Das Ich Und Das Es. The Ego and the Id. Londres, Hogarth Press e Instituto de Psicanálise, (Trad. de Joan Riviere.), 1927. Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud, v. XIX.

FREUD, Sigmund. Zur Einführung des narizssmus. Tradução: 'On Narcissism: an Introduction' 1925C. P. 44-64. (Trad. C. M. Baines.). (Edição Standard Brasileira, das obras completas de Sigmund Freud, v. XIV.

JORGE, João Manuel Ferreira. Anatomia emocional. Artigo publicado: 2 de dezembro de 2015. Disponível em: < <https://joaomfjorge.wordpress.com/2015/12/02/anatomia-emocional/>>

LACAN, Jacques. (1957-1958) Da imagem ao significante no prazer e na realidade, O Seminário, Livro 5, As formações do inconsciente (pp. 221-240). Capítulos: XII e XIII. São Paulo: Zahar, 1999.

PLAZA, Julio. Tradução Inter-semiótica II. Capítulos: 1, 2, 3.



Editora Perspectiva. São Paulo, 2010, Disponível em: <https://cursointermedialidade.files.wordpress.com/2014/08/traducao-intersemioticajulio-plaza.pdf>

RIVERA, Tania. Arte e psicanálise. — 2.ed. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. Disponível em: https://www.academia.edu/27528306/RIVERA_T%C3%A2nia_Arte_e_Psican%C3%A1lise_pdf